

Luz sobre CARAVAGGIO

'Judite e
Holoferne', de
Caravaggio



Novos estudos lançados no exterior e reedição de clássico no Brasil desfazem mitos em torno da obra do mestre barroco

SILAS MARTÍ
DA REPORTAGEM LOCAL

No balneário italiano de Porto Ercole, historiadores estão afundados nesta semana até a cintura em ossadas e caveiras do século 17 à procura dos restos mortais do pintor Michelangelo Merisi, o Caravaggio.

Enquanto isso, filas se estendem por quarteirões em Roma desde fevereiro para ver os quadros deixados pelo artista que virou sinônimo do barroco, tema de uma exposição que já arastou 240 mil ao Quirinale.

Morto há exatos 400 anos, não se sabe se de febre repentina ou se assassinado por algum defaeto, Caravaggio não deixou vestígio, cartas, diários ou anotações, a não ser a obra revolucionária que foi capaz de construir em 38 anos de vida.

Relegado à sombra dos mestres renascentistas, Caravaggio voltou ao centro da história da arte italiana só no século 20, mas sofreu com leituras truncadas de sua obra até agora. Novos estudos que acabam de sair

no exterior, um catálogo completo de suas pinturas lançado pela editora Taschen e um livro da historiadora alemã Sybille Ebert-Schifferer tentam desconstruir os mitos em torno da figura polêmica do artista que inventou o chiaroscuro e injetou doses hipertrofiadas de drama na pintura ocidental.

Na esteira dessa reabilitação histórica, sai no segundo semestre, pela Cosac Naify, a primeira edição brasileira do clássico do historiador Roberto Longhi sobre o pintor. Em "Caravaggio", escrito na década de 1950, o italiano conseguiu renovar o interesse pelo artista, sem pesar a mão nos detalhes sórdidos de sua vida privada.

É fato que Caravaggio matou um homem numa briga de rua. Também é fato que usou mendigos, prostitutas e andarilhos como modelos para suas representações de narrativas bíblicas. Mas a ideia que vigorou entre alguns historiadores de que ele tentou ser um agente provocador, crítico à Igreja Católica e talhado para a vida fora da

lei, já não se sustenta diante de uma nova análise de suas obras.

Leituras distorcidas

"Uma distorção é pensar que ele era esse boêmio de levada estranha, que deixou sua vida influenciar o modo como pintava suas peças religiosas", afirma Sebastian Schütze, autor de "Caravaggio". "Ele estava muito envolvido na cultura da Contrarreforma, pintava para os cardeais mais importantes."

Tanto que seu uso de gente comum vestindo roupas da época para montar suas alegorias bíblicas fazia parte da operação do Vaticano de levar a vida eclesiástica ao cotidiano de um povo que perdia a fé.

"Não era para fazer escândalo que usava esses modelos", diz Ebert-Schifferer. "Estava atendendo pedidos do clero."

Também perde força a ideia de um Caravaggio imediatista, que registrava na tela os traços de seus personagens sem muita elaboração posterior. Ao mesmo tempo em que se tornou célebre por usar modelos vivos e

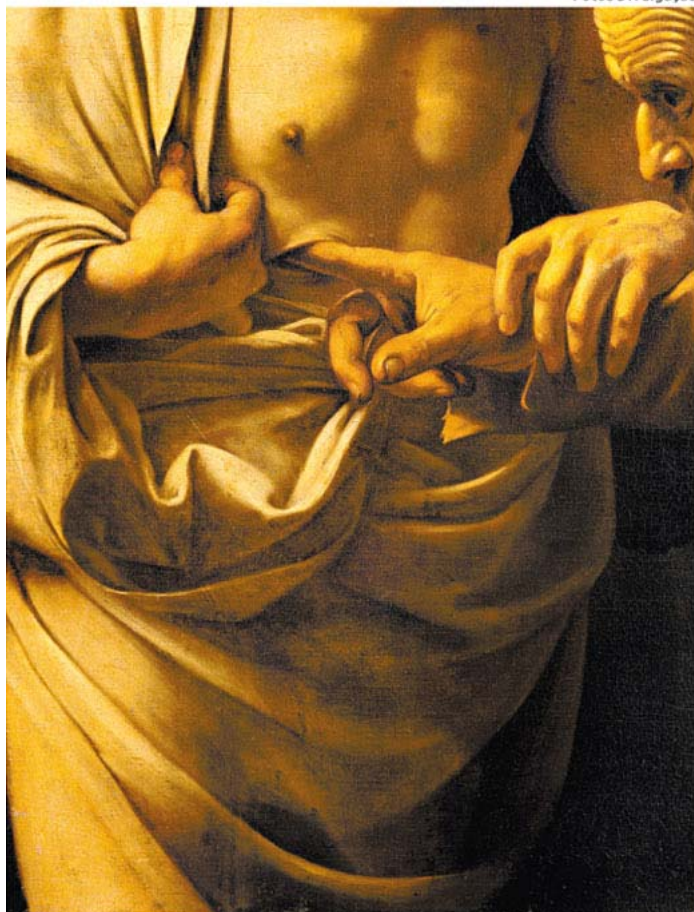
menosprezar estudos, Caravaggio não podia ter arquitetado cenas tão complexas sem maior planejamento prévio.

Sob nova luz, fica claro que o artista tentou travar um diálogo com Michelangelo e Leonardo Da Vinci, opondo às composições clássicas suas cenas de caráter teatral transbordante.

"Ele estudava os modelos, depois transformava suas formas, tinha uma tipologia de faces", diz Ebert-Schifferer. "Na composição, havia sempre uma invenção, por exemplo, o sangue que esguicha do pescoço de Holoferne não cairia daquele jeito, ele não poderia ter observado um decapitado no ateliê."

Mas enquanto novos estudos tentam desligar sua vida de excessos à leitura de seus quadros, um detalhe ainda destoa do conjunto. Quando retrata Davi segurando pelos cabelos a cabeça de Golias derrotado, faz do rosto do gigante um autorretrato. Em vez de se colocar na pele de um herói, Caravaggio prefere a tragédia, sinal de que viveu uma vida sob ameaça.

Fotos Divulgação



Detalhe de 'A Incredulidade de São Tomás', obra feita em 1601

ANÁLISE

Retorno atesta importância de artista

CRISTIAN BORGES
ESPECIAL PARA A FOLHA

Como podemos apreender a obra de um artista da envergadura de Michelangelo Merisi da Caravaggio (1571-1610)? Uma sugestão assaz agradável seria visitarmos algumas das quantas igrejas e galerias de Roma, normalmente pequenas e nem um pouco glamourosas, no interior das quais encontram-se algumas das obras-primas desse grande pintor morto precocemente, aos 38 anos, após uma brevíssima carreira de pouco mais de uma década.

Trata-se de quadros que, embora dispostos de maneira humilde e discreta, muitas vezes próximos de outros menos importantes, nada possuem de humilde e discreto. Eles representam o que há de mais sofisticado, na pintura, em termos de um naturalismo exacerbado das cenas, que não dispensa nem a contundência dos gestos, por um lado, nem a forte iluminação teatral, por outro.

Os gestos e as poses, quase fotográficas, tornavam qualquer cena religiosa respeitável tão trivial e palpável quanto uma cena cotidiana banal —algo no mínimo audacioso, sobretudo numa época em que ainda imperavam a idealização da beleza e a busca de composições harmoniosas, clássicas.

Quanto aos personagens que gesticulam, eles refletiam, ao mesmo tempo, a nobreza dos temas e a pobreza algo bruta daqueles que lhe serviam de modelos: membros da “escória” da sociedade italiana, como prostitutas, bandidos, meninos de rua, velhos e mendigos.

A iluminação teatral, por sua vez, fazia-se notar através do fundo do quadro, em geral vazio e mergulhado na penumbra, que se contrapunha às fi-

guras em primeiro plano, banhadas por uma luz altamente dramática que iluminava um ponto para melhor ocultar outro. Esse violento contraste meticulosamente “esculpido” na imagem acabava por revelar a existência de uma fonte externa de luz e, consequentemente, explicitava a feitura do quadro, seu caráter de artifício, desmascarando assim o próprio dispositivo pictórico.

Não à toa, o cinema, seguido de outras manifestações audiovisuais, beberia muito em suas águas. Por isso, uma outra sugestão para se apreender a obra de Caravaggio, não menos agradável que a primeira, embora menos impactante, seria apreciarmos as reconstituições, ou melhor, as recriações contemporâneas de alguns quadros.

Por exemplo, na releitura brechtiana e crítica proposta por Jean-Luc Godard no seu filme “Passion” (1982), na bela e minimalista cinebiografia realizada por Derek Jarman em 1986, “Caravaggio” (Urso de Prata no Festival de Berlim), no pastiche do popular videoclipe da banda REM, “Losing My Religion”, ou ainda em alguns dos últimos trabalhos do videomantista Bill Viola.

Assim como o francês Georges de La Tour (1593-1652), outro mestre barroco da técnica do claro-escuro que se destacaria pela utilização de velas em seus quadros, Caravaggio cairia no esquecimento por séculos, depois de sua morte, sendo redescoberto somente no início do século 20, quando alguns historiadores o reconheceriam como um dos pais da pintura moderna. O presente retorno à sua obra apenas atesta sua importância.

CRISTIAN BORGES é professor da ECA-USP e realizou tese, na França, sobre a construção fílmica a partir das relações entre cinema e pintura

LANÇAMENTOS SOBRE O ARTISTA

Conheça os livros que saem agora sobre Caravaggio

“Caravaggio: the Complete Works”

(Caravaggio: a obra completa)

» Autor: Sebastian Schütze

» Editora: Taschen

» Quanto: US\$ 150 (R\$ 266) / 306 págs.

“Caravaggio: Sehen-Staunen-Glauben”

(Caravaggio: ver - maravilhar-se - crer)

» Autora: Sybille Ebert-Schifferer

» Editora: C.H. Beck

» Quanto: € 58 (R\$ 138) / 320 págs.

“Caravaggio”

» Autor: Roberto Longhi

» Editora: Cosac Naify

» Quanto: preço a definir

» Lançamento: no segundo semestre, data ainda a definir



Uma distorção é pensar que ele era esse boêmio de levada estranha, que deixou sua vida influenciando o modo como pintava suas peças religiosas

SEBASTIAN SCHÜTZE

autor de “Caravaggio: the Complete Works”